

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO LOCALIDADE	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F11	--
	UF	SÍTIO	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO	Comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> em São Miguel Arcanjo
LOCALIDADE	Terra Indígena Lomba do Pinheiro
MUNICÍPIO / UF	Porto Alegre, RS

2. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

986 - Terra <i>Mbyá-Guarani</i> Lomba do Pinheiro
987 - Terra <i>Mbyá-Guarani</i> Lomba do Pinheiro 2
988 - Fala de <i>kunhã karaí</i> em reunião na Lomba do Pinheiro
989 - Fala de <i>kunhã karaí</i> em reunião na Lomba do Pinheiro 2
990 - Fala de <i>kunhã karaí</i> em reunião na Lomba do Pinheiro 3
991 - Fala de <i>kunhã karaí</i> em reunião na Lomba do Pinheiro 4
992 - Fala do cacique José Cirilo em reunião na Lomba do Pinheiro
993 - Fala do cacique José Cirilo em reunião na Lomba do Pinheiro 2
994 - Fala do cacique José Cirilo em reunião na Lomba do Pinheiro 3

3. REFERÊNCIAS CULTURAIS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS BENS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS**.

SÍNTESE
Se São Miguel Arcanjo está localizado na fronteira com a <i>Para Miri</i> ("Água Pequena", designação dos <i>Mbyá</i> para a região de <i>Misiones</i>, Argentina), do outro lado do <i>Tape</i>, na fronteira com a <i>Para Guaçu</i> (Água Grande, designação do Litoral atlântico), está a <i>Tekoá Anhetenguá</i> (Aldeia Verdadeira), ponto de referência no trilhar do <i>Jeguatá Tape Porã</i>, no projeto étnico dos <i>Mbyá</i> de manutenção de suas Referências Culturais. A comunidade <i>Mbyá</i> em São Miguel faz parte dessa ligação pelo <i>Tape</i>, subindo os afluentes do rio Uruguai até os afluentes do rio Jacuí, descendo seu leito até chegar ao extremo leste da Depressão Central do Estado do Rio Grande do Sul, onde está situada a Grande Porto Alegre (mais de dois milhões de pessoas). O cacique desta comunidade, José Cirilo Morinico, é genro de mulher que reside na <i>Tekoá Koenju</i> (Aldeia Alvorecer, São Miguel), um dos muitos laços de parentesco e aliança que ligam essas duas e outras comunidades <i>Mbyá</i>. Terra Indígena Lomba do Pinheiro é área de dez hectares localizada no bairro Lomba do Pinheiro (Parada 43), próxima ao entroncamento com a Estrada do Trabalhador, zona sul da cidade de Porto Alegre. Nela existe uma comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> que tem por nome <i>Tekoá Anhetenguá</i>, habitada por 60 pessoas distribuídas em 15 famílias. A aldeia <i>Mbyá</i> foi inicialmente criada em área rural, mas hoje ela está cercada por vilas e próxima de uma outra Reserva Indígena Kaingang criada pela prefeitura de Porto Alegre. A cidade amplia suas ruas, que fazem a área indígena ficar cercada por casas e propriedades de não-índios. A Terra Indígena Lomba do Pinheiro é uma área conquistada com muito esforço pelos <i>Mbyá</i> na zona urbana de Porto Alegre, considerando existir posição política e administrativa do Estado Brasileiro contrária à presença de "índios na cidade", defendendo um separatismo que levaria ao isolamento das comunidades indígenas em redomas intransponíveis, ao estilo de um confinamento.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

A referida área surgiu à margem do processo fundiário executado pelo Ministério da Justiça ou pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), já que ela foi adquirida enquanto propriedade pela antiga Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), que surgiu em Porto Alegre no início da década de 1970. A ANAI tinha um escritório no centro da cidade e este terreno na Lomba do Pinheiro, pensado como suporte estratégico para abrigar os índios e as famílias indígenas em deslocamento por Porto Alegre, onde se concentram diversos serviços básicos também procurados pelos *Mbyá*.

Com a extinção da ANAI, seu patrimônio foi doado aos indígenas e coube aos *Mbyá* ficarem com a área na Lomba do Pinheiro para nela fazerem infra-estrutura de suporte ao trânsito dos que circulam por Porto Alegre. A doação não foi bem-vista pelos administradores da FUNAI e por setores do Ministério Público, que supuseram serem os *Mbyá* incapazes de gerenciar sua vida no convívio com o espaço urbano. Independente do purismo de nossos administradores, os *Mbyá* consolidaram a fundação de uma aldeia no local a partir da década de 1980, que hoje se apresenta como modelo de comportamento tradicional para as demais comunidades *Mbyá*.

Os dados etnográficos demonstram que a situação urbana não se apresenta completamente desfavorável às famílias indígenas Guarani, Kaingang, Charrua etc. que se fazem visíveis enquanto “índios” em diversos pontos da cidade. A começar pelo fato de que o centro da cidade de Porto Alegre surgiu em cima de uma aldeia Guarani, conforme confirmado em descoberta recente feita na Praça da Alfândega, onde se encontrou uma grande quantidade de cerâmica dos ancestrais Guarani. Os documentos coloniais também referem intensa participação dos Guarani na criação do Porto de Viamão ou dos Casais.

Não bastasse essa ligação íntima dos Guarani com a história da cidade, o que é confirmado por muitos documentos do século XIX, Porto Alegre tornou-se ponto de convergência para expedições indígenas do norte do Estado, que passaram a utilizar a rotina de freqüentar a cidade para vender artesanato e dialogar com os representantes do Estado sediados na Capital. Com a abertura política e o fim da repressão militar ao livre trânsito *Mbyá* na década de 1980, eles e outras etnias indígenas encontraram na cidade espaço de aceitação, gradativamente ampliando espaço de venda ao seu artesanato.

A *Tekoá Anhetenguá* possui importância por sua proximidade com as instituições do Poder Público, com os órgãos de imprensa e com as universidades. Seu cacique é constantemente requisitado para participar de audiências públicas sobre temas envolvendo sua e outras comunidades *Mbyá*, dentre outras conveniências. Pelo fato de José Cirilo Morinico protagonizar a liderança do movimento de valorização da verdadeira tradição espiritual dos Guarani, fortalecendo o reconhecimento dos *Karai* enquanto sábios que conduzem as preces dentro das *Opy* (casas de reza), que indicam o caminho para a recuperação do *Nhande Rekó*, por isso seu envolvimento e o de sua família na execução do INRC tornaram-se imensamente enriquecedores.

A comunidade *Mbyá* na Lomba do Pinheiro coloca um problema de máxima importância à salvaguarda, porque Porto Alegre possui um ambiente favorável para os *Mbyá* escaparem das relações de subordinação que os prendem nos acampamentos, permitindo apoio aos *Mbyá* que precisam dos serviços disponibilizados na Capital.

De uma área projetada apenas para a rápida passagem de indivíduos, Terra Indígena *Mbyá* Lomba do Pinheiro tornou-se modelo de projeto para muitas comunidades *Mbyá*, mostrando que o convívio na cidade não é uma questão de escolha, mas de necessidade porque não existem áreas livres pelas quais os *Mbyá* possam circular, porque ao menos na cidade as pessoas se sensibilizam ao ver as crianças passando fome, algo que inevitavelmente está acontecendo, mesmo nas áreas mais distantes das cidades.

4. DESCRIÇÃO

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS ESCRITOS INVENTARIADOS, CONSULTAR O **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**.

4.1. POPULAÇÃO E LOCALIZAÇÃO
Terra Indígena Lomba do Pinheiro fica localizada nas coordenadas: 30°07'00" de longitude Sul e 51°07'30" de longitude Oeste, fazendo parte do bairro Lomba do Pinheiro, na zona sul da cidade de Porto Alegre. Pertence a Mesorregião Metropolitana e Microrregião de Porto Alegre. Ela é capital do Estado do Rio Grande do Sul, surgida depois que os Guarani da margem oriental do Lago Guaíba foram expropriados de suas terras pela sesmaria doada ao português Jerônimo de Ornellas. No Porto de Viamão foi criado um povoado, pelo assentamento de imigrantes açorianos em 1742. Seu crescimento fez tornar-se cidade em 26 de março de 1772.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

O Município de Porto Alegre tem uma área de 496,827 km², com uma população estimada em 2005 em 1.428.696 habitantes, perfazendo uma densidade de 2.875,6 hab/km². A altitude da Lomba do Pinheiro é em torno de 40 metros acima do nível do mar, superior à média de 10 metros de altitude no perímetro urbano. O PIB do Município, segundo o IBGE 2003, foi de R\$ 14.655.093.309,00, perfazendo um PIB per capita de R\$ 10.437,46. A evolução populacional em Porto Alegre é a seguinte:

1970 - 885.545

1980 – 1.125.477

1991 – 1.263.403

1996 – 1.286.879

2000 – 1.360.590

2004 – 1.416.363 (estimada)

2005 – 1.428.696 (estimada)

2006 – 1.441.554

Considerando a grande extensão da cidade e a heterogeneidade na composição de seus bairros, é necessário fixar índices populacionais e econômicos específicos para onde está situada a Terra Indígena Lomba do Pinheiro. O referido bairro foi criado pela Lei nº 7954 de 8 de Janeiro de 1997, alterando as leis 4166/76 e 2022/59. Sua população contabilizava 30.388 moradores em 2000, dos quais 14.795 homens e 15.593 mulheres. Sua área é de 2.455 ha, apresentando densidade de 12 hab/ha. Em 2000, o bairro Lomba do Pinheiro tinha 8.434 domicílios, com um rendimento médio mensal dos responsáveis pelo domicílio de 2,92 salários mínimos.

A posição geográfica do bairro Lomba do Pinheiro e seus índices populacionais são reveladores da motivação que mantém os *Mbyá* no local. Em primeiro, sua densidade populacional é em torno de 40% do índice médio da cidade, além de apresentar irregularidades na topografia do terreno, características dos morros de formação granítica do Escudo Cristalino que surge em Porto Alegre. Este ambiente torna mais difícil a ocupação humana da zona sul do município, além dos afloramentos rochosos dificultarem o uso agrícola e o solo ter pouco fertilidade e ser muito arenoso. Tendo como limites algumas vilas populares, Lomba do Pinheiro é um bairro onde há as nascentes do Arroio Taquara e faz divisa com o Parque Saint'Hilaire, onde há outras nascentes protegidas.

A proximidade da Terra Indígena Lomba do Pinheiro do centro da cidade (a 15 km) a faz ser visitada com frequência, por instituições, escolas, universidades e serviços da prefeitura, além do atendimento cotidiano nas áreas de saúde, apoio à produção agrícola e o funcionamento de escola bilingüe. A comunidade *Mbyá* da TI Lomba do Pinheiro participa de diversos projetos com diversas instituições, já dispendo de um grupo organizado de canto e dança que se apresenta ao público não-índio mediante retribuição monetária e que também dispõe de cópias de CD contendo músicas desse grupo para venda aos interessados.

A produção de artesanato é uma das principais fontes de renda da comunidade *Mbyá*, sendo elaborado durante os dias da semana para ser vendido no centro da cidade nos sábados e nos domingos. A obtenção de matéria-prima vegetal se faz dentro e fora da dos dez hectares oficialmente reconhecidos, havendo áreas de mata em propriedades no entorno que são visitadas pelas expedições de coleta das famílias *Mbyá*. A comunidade tem recebido apoio ao cultivo de plantas tradicionais, o que foi muito estimulado depois da construção da *Opy* nesta comunidade. Hoje, há lavouras compostas de mandioca, de feijão, abóboras, chuchu, milho e melancia. Há professor e enfermeiro *Mbyá* enquanto empregados assalariados, ao lado dos velhos que recebem pensão de aposentadoria. São fontes de renda que ingressam na comunidade, além da distribuição de agasalho e de campanhas de cestas-básicas e de assistência promovidos pelas mais diversas instituições de apoio.

4.2. PAISAGEM NATURAL E MEIO AMBIENTE

Porto Alegre está situado na região fisiográfica da Depressão Central do Rio Grande do Sul, que inclui uma faixa larga Leste-Oeste, na bacia do Jacui e seus afluentes. Os principais municípios que a compõe são: Porto Alegre, Gravataí, Santa Maria, Guaíba, Taquari, Canoas, Cachoeira do Sul. Sua área é de 31.778 km². O relevo é levemente ondulado. As altitudes são inferiores a 100 metros, exceto nos tabuleiros, cuja altitude máxima está entre 250 e 300 metros.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

O material de origem é bastante variado e relativamente pobre em nutrientes trocáveis. Ao longo dos rios são aluviões, na várzea ao Sul e Norte do Jacuí, arenitos. Nas áreas limítrofes entre a Serra geral e a Serra do Sudeste aparecem siltitos, arenitos e folhelhos. Segundo RAMBO (1956), a vegetação desta região divide-se em: vegetação campestre, silvática e palustre. A vegetação campestre refere-se aos campos. A mata foi substituída pela agricultura e plantações de acácia e eucalipto. Na vegetação silvática distingue-se cinco formações: a galeria, os capões, o parque, as manchas de matas arbustivas e a mata virgem. Predominam os ventos de Leste e os ventos Norte, apesar de pouco frequentes e de curta duração.

A vegetação palustre é a que mais contribui para a fisionomia natural. Segundo FORTES (1956), a vegetação se diversifica em várias espécies. Na margem sul predomina as formações campestres e ao Norte do Jacuí são mais encontradas as espécies do tipo florestal. Climaticamente a região é, juntamente com a Campanha, a zona mais quente do Estado, com precipitações em torno de 1600 mm.

4.3. MARCOS EDIFICADOS

Opy: a Terra Indígena Lomba do Pinheiro abriga um verdadeiro *tekoá*, o que é reconhecido pela existência de uma grande casa de reza dentro da aldeia, onde se realizam as celebrações de importância espiritual para a comunidade.

Oó: *Tekoá Anhetengua* tem algumas casas tradicionais construídas, mas que quase sempre agregam cobertura de lona plástica devido à falta de palha e de coqueiro para fazê-lo.

Prédio de Enfermaria: Na década de 1980, foi construído dentro da TI Lomba do Pinheiro um prédio de alvenaria, projetado para funcionar como enfermaria, contendo módulo sanitário, sala de atendimento e sala de espera.

Galpão: Prédio rústico em madeira e cobertura de telha amianto, tendo espaço amplo usado para realizar confraternizações e para realizar reuniões em eventos que congregam representantes de outras comunidades, em rodas do fogo de chão que quase sempre está acesso em seu interior.

Casas de Madeira com Alpendre Frontal: Desde o ano de 2001, o Governo de Estado tem realizado programas habitacionais destinados às comunidades indígenas, o que resultou na construção de quinze habitações destinadas às famílias *Mbyá* em muitas comunidades (inclusive em São Miguel, no Salto do Jacuí e na Terra Indígena Capivari). São casas amplas de dez metros de comprimento por cinco de largura, sendo cobertas com telhas cerâmicas e dispoem de um alpendre frontal projetado para receber fogo de chão.

Módulos Sanitário: Foram recentemente construídos dois módulos sanitários dentro da Terra Indígena, contendo dois banheiros, chuveiros, pias e tanque, todos cobertos com telha cerâmica.

Cidade de Porto Alegre: Localização: cidade de Porto Alegre, sede de município assentado na margem esquerda do estuário do jacuí e lago guaíba, tendo por ponto central arbitrário as coordenadas 30°02'30"S e 51°12'40"W.

Características: Implantação de malha urbana tendo por centro histórico o cais do porto e ruas adjacentes, composta por milhares de construções reconhecidas como Patrimônio pelo poder público. A cidade serve de base para a presença dos *Mbyá* desde a segunda metade do século XX, por sua importância enquanto centro administrativo, obtenção de apoio institucional e venda do artesanato. Hoje, os *Mbyá* estão distribuídos na Lomba do Pinheiro, em Cantagalo, na Estiva (Viamão), no Lami e em Itapuã. No centro da cidade eles vendem artesanato, participam de audiências públicas referentes aos seus direitos na sede de diferentes Instituições (Ministério Público, hospitais, FUNASA, Conselho Estadual dos Povos Indígenas, EMATER, etc.), Os *Mbyá* que vivem em São Miguel têm Porto Alegre como referência no trânsito ao litoral atlântico em direção à Santa Catarina.

5. FORMAÇÃO HISTÓRICA

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FONTES INVENTARIADAS, CONSULTAR O ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA.

5.1. RESUMO

Os dados arqueológicos comprovam que a região de Porto Alegre é ocupada desde o Holoceno médio, frequentada por grupos de caçadores e coletores adaptados à paisagem aberta do Pampa (Tradição Arqueológica Umbu). A chegada dos Guarani fez criar diversas aldeias nas margens do delta do Jacuí, no Lago Guaíba e na Lagoa dos Patos. Diversas aldeias Guarani existiam onde hoje cresce a cidade. Por exemplo, o centro de Porto Alegre surgiu em cima de uma aldeia Guarani, conforme confirmado em descoberta recente feita na Praça da Alfândega, onde se encontrou uma grande quantidade de cerâmica dos ancestrais Guarani. Outro exemplo é no Passo da Areia, onde o nome de uma *tekoá* foi usado para nomear um centro comercial construídos sobre seus vestígios: Iguatemi

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

Os documentos coloniais também referem intensa participação dos Guarani na criação do Porto de Viamão ou dos Casais, seja daqueles que já viviam no Guaíba, seja daqueles trazidos das Missões como mão-de-obra servil depois das Guerras Guaraníticas. Os primeiros viajantes deixaram registro sobre os antigos Guarani habitantes da região, chamados de Arachanes, vizinhos dos Anjos e dos Carijós do litoral. Antes de se transformar em capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre surgiu do esbulho dos territórios originários da margem oriental do Lago Guaíba em prol da sesmaria doada ao português Jerônimo de Ornellas. No Porto de Viamão foi criado um povoado, pelo assentamento de imigrantes açorianos em 1742. Seu crescimento fez tornar-se cidade em 26 de março de 1772.

Não bastasse essa ligação íntima dos Guarani com a história da cidade, o que é confirmado por muitos documentos do século XIX, Porto Alegre tornou-se ponto de convergência para expedições indígenas principalmente do norte do Estado, que passaram a utilizar a rotina de freqüentar a cidade para vender artesanato e dialogar com os representantes do Estado sediados na Capital. Com a abertura política e o fim da repressão militar ao livre trânsito *Mbyá* na década de 1980, eles e outras etnias indígenas encontraram na cidade espaço de aceitação, gradativamente ampliando espaço de venda ao seu artesanato.

A referida área surgiu à margem do processo fundiário executado pelo Ministério da Justiça ou pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), já que ela foi adquirida enquanto propriedade pela antiga Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), que surgiu em Porto Alegre no início da década de 1970. A ANAI tinha um escritório no centro da cidade e este terreno na Lomba do Pinheiro, pensado como suporte estratégico para abrigar os índios e as famílias indígenas em deslocamento por Porto Alegre, onde se concentram diversos serviços básicos também procurados pelos *Mbyá*.

Com a extinção da ANAI, seu patrimônio foi doado aos indígenas e coube aos *Mbyá* ficarem com a área na Lomba do Pinheiro para nela fazerem infra-estrutura de suporte ao trânsito dos que circulam por Porto Alegre. A doação não foi bem-vista pelos administradores da FUNAI e por setores do Ministério Público, que supuseram serem os *Mbyá* incapazes de gerenciar sua vida no convívio com o espaço urbano. Independente do purismo de nossos administradores, os *Mbyá* consolidaram a fundação de uma aldeia no local a partir da década de 1980, que hoje se apresenta como modelo de comportamento tradicional para as demais comunidades *Mbyá*.

5.2. CRONOLOGIA

DATA	EVENTO
200 D.C.	Aparecimento da Subtradição Pintada da Tradição Cerâmica Guarani no Alto Uruguai, espalhando-se do rio Ijuí em direção ao Alto Jacuí, centro do Estado do RS; isso indica a chegada dos primeiros Guaranis em expansão desde os rio Paraná e Paraguai, onde as datações da cerâmica Guarani são mais antigas
1.609 D.C.	Jesuítas portugueses reduzem índios Guarani descendo pelo litoral desde Laguna (SC) atingindo a borda da antiga Província de Ibiacá, posteriormente arrebanhados como mão-de-obra escrava por bandeirantes paulistas. Jesuítas espanhóis introduzem gado no Paraguai
1626-1634 D.C.	Jesuítas espanhóis passam para a margem esquerda do rio Uruguai, onde fundam 18 Reducciones com índios Guarani na Província do Uruguai e na do Tape.
1680 D.C.	Fundação da Colônia do Sacramento na margem esquerda do Rio da Prata. Quatro anos depois é fundado o povoado de Santo Antônio dos Anjos da Laguna (SC), para estabelecer a rota terrestre litorânea dos portugueses que tropeavam gado xucro trazidos da Vacaria do Mar. O tropeirismo provocou a fuga dos grupos guarani sobreviventes ao escravismo bandeirante para o interior, já que os portugueses se aliaram aos índios Minuanos.
1732 D.C.	O tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu cria rota mais interior, unindo Tramandaí a Santo Antônio da Patrulha e a São Francisco de Paula no planalto.
1736 D.C.	Fundação do povoado de Rio Grande, na desembocadura da Lagoa dos Patos.
1767 D.C.	Expulsão dos jesuítas dos territórios americanos e deslocamento de índios Guarani missioneiros para Cachoeira do Sul, Rio Pardo (São Nicolau) e Gravataí (Aldeia dos Anjos)
1772 D.C.	Fundação da cidade de Porto alegre, tornada sede municipal em 1808.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

1828-1850 D.C.	Período compreendido pela historiografia como tendo ocorrido o desaparecimento e a extinção dos Guarani no Rio Grande do Sul.
1960 D.C.	Os Mbyá-Guarani chegaram ao litoral, iniciando seu processo de expansão pela planície costeira do sul do Brasil.
1970-1980 D.C.	Grupos Mbyá-Guarani circulam pela cidade de Porto Alegre, passando a acampar em área da Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI) na Lomba do Pinheiro. Os Mbyá passaram a freqüentar a cidade de São Miguel, explorando a venda do artesanato para visitantes.
1995 D.C.	Comunidade Mbyá recebe a área como coação da ANAI
2001 D. C.	É criada a Tekoá Anhetenguá
2003 D.C.	Comunidade organiza Grupo de Canto e Dança, publica CD de músicas.
2005 D.C.	Funcionamento de escola bilíngüe na comunidade Mbyá e início de participação do Cacique José Cirilo no processo de execução do INRC

6. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Mapa29 - Terra Mbyá-Guarani Lomba do Pinheiro
Mapa30 - Terra Mbyá-Guarani Lomba do Pinheiro2

7. LEGISLAÇÃO

INSTRUMENTOS DE PROTEÇÃO AMBIENTAL E PATRIMONIAL E DE PLANEJAMENTO
Lei nº 6001/1973 – Estatuto do Índio (em revisão). Artigos 231e 232 da Constituição Federal de 1988 Artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988

8. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVAS

8.1. PROBLEMAS E POSSIBILIDADES
Terra Indígena <i>Mbyá-guarani</i> Lomba do Pinheiro impõe um desafio ao vício tutelar do indigenismo oficial, pautado na intervenção que promove o isolamento artificial das comunidades indígenas, agredindo o direito dos índios em seu exercício de ir e vir, reconhecido na Constituição. A forte manifestação da tradição <i>Mbyá-Guarani</i> no <i>Tekoá Anhetenguá</i>, aldeia criada dentro do perímetro urbano da cidade de Porto Alegre, é um paradoxo que demonstra a riqueza e a capacidade de autodeterminação das comunidades <i>Mbyá</i>, que conseguem reorientar seu <i>Nhande Rekó</i> mesmo sem o apoio ou o reconhecimento oficial das instituições que o deveriam fazer. <i>Tekoá Anhetenguá</i> é exemplo da riqueza adaptativa dos Guarani, criado e mantido como centro de autonomia política por sua importância enquanto centro de articulação com instituições privadas e públicas, gerando projetos de intervenção que se mostram adequados e plenamente aceitos nas demais comunidades <i>Mbyá</i> no Estado. Dimensionar o vínculo da <i>Tekoá Anhetenguá</i> com o Sítio Comunidade <i>Mbyá-Guarani</i> em São Miguel é reconhecer essa ligação que se faz entre elas pelo Tape, pela itinerância que estende os vínculos de aliança de parentesco e que as faz parte de uma mesma rede de articulação étnica, que tem avançado conquista no reconhecimento de seus direitos frente à sociedade nacional. Embora a FUNAI não reconheça a legitimidade de ocupação <i>Mbyá</i> na Lomba do Pinheiro, outras instituições o fazem, como o Ministério Público, o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal, só para citar alguns exemplos. Seu reconhecimento, enquanto cidadãos brasileiros, faz-se independente do fato dos agentes indigenistas defenderem a

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: LOCALIDADE	--	--	--	--	F11	--
---	----	----	----	----	------------	----

tese de que os *Mbyá* são índios argentinos ou paraguaios.

8.2. RECOMENDAÇÕES

Embora sendo localizada junto à cidade de Porto Alegre, TI Lomba do Pinheiro está posicionada na zona sul do Município, onde a urbanização cresce acelerada, mas onde hoje ainda existem áreas naturais preservadas dentro de propriedades privadas ou em áreas de preservação, como é o Parque Saint Hilaire e seus mananciais de água. Áreas que dificilmente serão futuramente urbanizadas, por sua importância ambiental.

Os *Mbyá* da Lomba do Pinheiro sobrevivem em dez hectares, mas eles também circulam por áreas de mato em todos os bairros próximos, obtendo dos proprietários licenças informais para coletarem recursos vegetais necessários à produção de seu artesanato.

Programa de salvaguarda deverá atender futuramente uma das principais reivindicações dos *Mbyá* que vivem naquela comunidade, qual seja: que se efetive o processo de regularização fundiária da Lomba do Pinheiro como Terra Indígena *Mbyá*, pleiteando ampliar a posse indígena de outras áreas de mata adjacente, no mínimo para formalizar o acesso a essas áreas como iniciativa concreta na direção de se salvaguardar a **territorialidade livre** neste ponto do percurso do Tape, dessa comunidade que vive nas imediações do *Para Guaçu*, do litoral atlântico reconhecido na Cosmo-Ecologia *Mbyá*.

9. DOCUMENTOS ANEXADOS

OBS.: VER **ANEXO 1: BIBLIOGRAFIA**

ANEXO 3: BENS CULTURAIS INVENTARIADOS	A3.5 N ° 01 – Edificação: <i>Opy</i> A3.5 N ° 02 – Forma de expressão: <i>Ayvu</i> (fala dançada) A3.5 N° 03 – Lugar: <i>Tekoá Anhetenguá</i>
ANEXO 4: CONTATOS	Considerando a grande amplitude das relações entre as localidades, definidas pelo <i>tape</i> , o Anexo 4: Contatos é apresentado em arquivo único, e assim, refere-se à Ficha de Identificação Sítio (não dividido por localidades)
FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DE BENS	Não foram identificados bens nesta Localidade

10. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

PESQUISADOR(ES)	Carlos Eduardo Neces de Moraes, Daniele de Menezes Pires, José Otávio Catafesto de Souza.		
SUPERVISOR	José Otávio Catafesto de Souza		
REDATOR	José Otávio Catafesto de Souza	DATA	11.09.2006
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Beatriz Muniz Freire.		